

O teatro de seu Muriçoca: memórias de uma farda

Kênia Sousa Rios
Universidade Federal do Ceará

RESUMO

O artigo põe em relevo as memórias da seca de 1932 a partir da narrativa de Seu Muriçoca e a conexão que ele estabelece com a sua farda.

PALAVRAS-CHAVE:

memória, narrativa, roupa, poder, seca.

RESUMÉ

Le texte met en relief les mémoires de la sécheresse de 1932 a partir de connexions établies par Monsieur Muriçoca entre lui-même et son uniforme.

MOTS-CLÉS:

mémoire, récits, vêtement, pouvoir, sécheresse.

Interpretar os modos de vida pela história oral é bastante significativo pois a fonte que está sendo trabalhada faz, ela mesma, parte da luta cotidiana pela sobrevivência. A voz, os gestos, histórias, contos, novelas ganham sentido na linguagem oral, e é com ela que a vida vai sendo enfrentada. Como se diz no Ceará, “a gente ganha as coisas no grito”. No grito dos vendedores de erva e pomadas milagrosas nas praças públicas, na cantoria dos repentistas, dos emboladores, no canto das lavadeiras na beira do rio, nas histórias de trancoso, na escritura oral da literatura de cordel, nos gritos dos vendedores de “buginganga” na porta das lojas no centro da cidade, na rima do mendigo no meio da rua e de tantos vendedores ambulantes espalhados pela calçada. O que se vende? Borracha para panela de pressão, desentupidor de fogão a gás, entre outros artigos. Esses produtos ganham musicalidade que ao longe se ouve. O ritmo próprio para cada produto denuncia o que está sendo vendido sem precisar da escuta exata do nome do artigo.

Com essa argumentação, quero não apenas envolver o leitor na aventura que é trabalhar com oralidade no Ceará, mas, sobretudo, estou me dando conta desta intensa relação com a oralidade, ao mesmo tempo em que outros desafios se descortinam no decorrer da pesquisa. Um deles é a descoberta de que nem tudo é bom de ser contado. Existem temas que sofrem uma maior intervenção estilística para tornar possível a sua exposição oral. Nem tudo pode ser dito, e o que se diz inclui lembranças e esquecimentos.

A seca, por exemplo, não é um tema bom para ser explicado, entretanto, excelente para ser contado. A diferença é significativa. Na cultura dos depoentes, não se costuma explicar muito as coisas, principalmente desgraça. Contudo o sofrimento é bom para virar história, e nem sempre triste. Observo que é preciso tornar o tema da seca trágico ou cômico, ou melhor, criam-se epopéias com as quais se prende o ouvinte das mais variadas formas. Em muitas delas, a história é exemplar. Ademais, a seca se liga intimamente à idéia de castigo, um castigo que se abate sobre todos. Mas para ser contado remete a uma história particular com personagem e enredo peculiares. Embora haja um estilo narrativo que se repete em alguns depoimentos, os recursos que utilizam para construir a trama, os detalhes, acontecimentos e “desfecho” têm a ver com a trajetória de vida de cada um, de como enfrentam e recriam as formas de viver.

Na cultura oral do sertão não existe muito espaço para explicações sobre a vida, no lugar disso contam-se histórias.¹ Não se fala da seca de maneira genérica, ela é parte das inúmeras conexões desses indivíduos com o mundo. Assim, não é suficiente falar dos problemas que a seca acarreta para o Nordeste, é preciso construir personagens e histórias que dêem conta da relação com o sagrado, das mensagens exemplares e da obediência aos desígnios de Deus.

A seca assinala epopéias pessoais, contadas por quem se enreda na “faceirice” das palavras. Assim, para o seu Muriçoca (personagem que ganhará fama ao longo do texto), a lembrança da “terrível seca de 1932” é contada numa íntima ligação com a Revolução Constitucionalista de 1932, ocorrida em São Paulo. Seu Muriçoca constrói narrativas envolventes, com enredos que asseguram a freqüente presença de ouvintes. Há um jogo de sedução bem intrigante nas formas como ele narra suas experiências. Não importa se o acontecimento é extraordinário, mas para certos depoentes esta é a obrigação da narrativa: tornar os fatos dignos de serem ouvidos.

A história oral é aqui entendida menos como método e mais como objeto de pesquisa. Digo isso para lembrar a inferência de Michael Frisch,

destacada no texto de Alistair Thomson. Diz ele: “a memória – pessoal e histórica, dos indivíduos de sua geração – deveria ser posta no centro do palco como objeto – não apenas como método – da história oral: o que acontece à experiência quando se vai tornando memória? O que acontece às experiências quando se vão tornando história?”.² É na confluência de tais transposições que se coloca o foco de interpretação, pois entendo que são estas as principais dimensões do trabalho. O depoente transforma suas experiências em memória e eu as transmuto em tema de estudo. Essa configuração não ocorre de forma linear, tudo se entrelaça. O desafio é, portanto, transformar essa urdidura de eventos em um texto inteligível, sem perder de vista a imagem rizomática de tais ligações.³

É difícil, muitas vezes, tentar explicar ao depoente o que se deseja fazer com estas narrativas. Tese de doutorado? Mas o que é uma tese de doutorado? Mesmo sem essas referências, entendem que alguém quer ouvi-los. O que não deixa de ser estranho, sobretudo quando se trata de indivíduos para quem a vida negou quase todas as possibilidades de escuta.

Mesmo sendo uma situação, de certa forma inusitada, contam suas histórias com uma prática denunciadora do exercício freqüente da narrativa de suas vidas. Como ressalta dona Cezita (outra personagem deste estudo), todas as vezes em que precisa de algum favor, conta, quantas vezes forem necessárias, as dificuldades que enfrenta para viver.

A variedade de experiências vai descortinando diferentes reações em face da proposta de me contarem suas histórias de vida. Enquanto alguns dizem que não têm nada importante para contar, nada digno de ser ouvido, outros não estranham o fato de serem solicitados para uma entrevista com esse caráter. Suas histórias não participam de “grandes feitos” para a humanidade mas podem e mais do que isso, devem ser contadas.

Para esses depoentes, a palavra tem, antes de tudo, uma função: contar para outras gerações histórias de feitos exemplares, capazes de transmitir aspectos de uma determinada cultura para os diferentes grupos. São histórias que têm a intenção de aconselhar. Noutras, a intenção de impressionar, de distração ou lazer enfeitando a narrativa com casos de amores difíceis, sutilezas e anedotas sobre os padrões, entre outras astúcias da palavra.

Embora haja episódios comuns, a experiência de cada um é o que define os traçados e as cores da narrativa, alguns fatos ganham relevância enquanto outros são ignorados por determinado grupo ou indivíduos. Nessas histórias com rosto, corpo, casa, móveis e nome, quero encontrar a multiplicidade de experiências desses indivíduos que me contaram suas histórias de vida.⁴

As entrevistas não foram utilizadas para “provar” alguma coisa. Afinal, não se trata de confirmar ou desautorizar algo. Trata-se de um estudo que está se construindo no diálogo com indivíduos que, através de suas narrativas, me apontam possibilidades interpretativas sobre a dinâmica cultural que constróem. Dimensões do cotidiano vislumbradas através de linguagens enunciativas, que certamente, ultrapassam a fala pois estão marcadas no corpo e se manifestam das mais variadas formas. Seja no movimento das mãos, dos braços, no olhar, na relação com os objetos, na decoração da casa, na negação da casa, na relação com os lugares, na sociabilidade com os vizinhos, nos desejos de consumo ou mesmo no indizível.⁵

Nesta pesquisa, optei por trabalhar destacadamente com três depoentes. Esta compreensão partiu de uma opção teórico-metodológica que entende o indivíduo na relação com o coletivo. É no grupo que o homem, a mulher, a criança, o pai, a mãe, o filho, a diarista, o porteiro se realizam. A interpretação dessas pessoas sobre a “ordem das coisas” parte de uma trajetória pessoal que constrói respostas específicas e múltiplas diante dos sentidos da vida e da morte.

Pelas narrativas de Seu Muriçoca, Dona Cezita e Seu José Valmir, pretendo entrar em diálogo com repertórios subjetivos e possibilidades de inventar o cotidiano a partir de experiências concretas.⁶ Histórias pessoais que me colocaram diante de ações e reações múltiplas. Marcas desta variedade de formas vitais, criadas por indivíduos para os quais a vida é, antes de tudo, uma luta diária pela sobrevivência.

A intenção é movimentar-se junto com o narrador, pelos modos de vida apontados, não somente no que é contado, mas na forma como está sendo contado. Ou melhor, a força das palavras contidas no texto narrado, constitui ela mesma um ato. Desse modo, tenta-se perscrutar que atos estão sendo realizados, ou seja, como encontrar o indivíduo em sua dinâmica cultural através de suas histórias, ou melhor, pelos seus movimentos enunciativos. Vale salientar que tal estudo entende como enunciado, as redes possíveis entre palavra, corpo e espaço.

Muitas vezes, a seca representa apenas um mote para iniciar a conversa que toma rumos inesperados. Afinal, o fundamental são as formas de constituição dessas narrativas, pois nesta perspectiva de trabalho com história oral, o que interessa não é apenas o fato narrado, mas o enredo que configura a narrativa.

Os entrevistados iniciaram um conflituoso movimento de presença e ausência na pesquisa. Eles próprios foram, ao seu modo, fornecendo elementos de escolha, certamente difíceis. Diante de tantas possibilidades

interpretativas, foi necessário fazer opções que apontassem para um estudo mais cuidadoso sobre o modo de vida dessas pessoas a partir de recortes temáticos específicos. Havia o desejo de aprofundar não só as interpretações, mas também os caminhos interpretativos da pesquisa. A viabilidade deste projeto encaminhou o estudo para escolha de poucos depoentes.

Coincidentemente, na época em que estava ganhando força a opção por poucos depoentes, tive a oportunidade de ler uma entrevista com o cineasta Eduardo Coutinho, que, aliás, me inspira bastante. Falando sobre seu documentário “Santo Forte”, dizia que não conseguiria produzir um documentário sobre religião filmando rituais em todo o Brasil. O Rio de Janeiro já seria uma completa abstração. Opta, portanto, por uma favela do Rio, segundo ele, porque era pequena, possuía apenas 2.000 habitantes. Ainda assim, sentia-se incomodado, pois, como ele mesmo ressalta, “o ideal seria fazer um filme sobre o Brasil com uma pessoa. Se não der, com uma família, uma rua já é demais.” Embora não tenha a pretensão de contar a “história do Brasil”, tampouco da seca no Nordeste, as palavras de Coutinho reforçaram a opção pela significativa redução do número de depoentes.

Encontrei diferentes tipos de narradores e de narrativas. Mais do que uma opção deliberada da minha parte, os próprios depoentes foram conquistando espaço neste estudo que lida, antes de tudo, com a linguagem oral. “Optei” pelos mais falantes, aqueles que usam as palavras como arma de luta cotidiana, pessoas cujas vidas são experimentadas, sobretudo, pelo ato de contá-las.

Falar sobre a vida e narrá-la para outros, é o mesmo que atualizar e vivificar o acontecimento, pois a razão de ter vivido tais e tais acontecimentos se realiza também no momento em que eles são contados, no ato de transmitilos. Fui, portanto, aprendendo a incorporá-los ao texto e à minha reflexão. Nesse sentido, incorporá-los é também corporificá-los, evidenciando o tom de suas vozes, o tamanho de seus gestos, o alcance de seus esquecimentos, o movimento de braços e pernas, a seleção das indumentárias, etc.⁷

O tratamento que darei às fontes denuncia um pouco do que sou, pois, se a oralidade é conflitiva, a escrita, guardadas as especificidades, também o é. Como ressalta Gadamer, nem todos os preconceitos devem ser negados, alguns devem ser reconhecidos pois sugerem os caminhos interpretativos que optamos, partindo do entendimento da legitimidade de certos preconceitos. “em que pode basear-se a legitimidade dos preconceitos? Pergunta Gadamer. “Em que se diferenciam os preconceitos legítimos de todos os inumeráveis preconceitos cuja superação representa a inquestionável tarefa de toda razão crítica?”⁸

É necessário considerar minha própria relação com a oralidade, com o ato de narrar e ouvir histórias. Talvez isso seja um legítimo preconceito, pois sem o reconhecimento desta condição, fica difícil produzir conhecimento a partir da experiência oral de outros indivíduos. A tentativa aqui, é situar o estudo numa perspectiva hermenêutica que entende a interpretação como um diálogo que abriga diversas vozes, entre elas e com ênfase, a do pesquisador.

No texto a seguir, apresento algumas considerações que destacam as memórias de Seu Muriçoca sobre o ano de 1932.

* * *

Na primeira entrevista, em 1998, seu Muriçoca chegou uma hora depois do combinado. Caminhava apressado e olhava para os lados. Perguntou a moça da portaria se alguém esperava por ele. A moça indicou a minha direção e ele veio. Apertou minha mão e foi logo dizendo que chegou no horário certo, estava aguardando na outra entrada do Teatro, enquanto eu estava na porta dos fundos. Pareceu indignado com aquela situação, desculpou-se várias vezes.

Vestia uma calça azul-marinho com pregas na frente e comprimento que chegava só ao tornozelo, permitindo a visão da meia branca dentro de um tênis preto já quase cinza pela ação das inúmeras lavagens. Quando sentava, a calça suspendia quase ao meio da canela fina e comprida. A camisa de linho branco, pontuada de esgarçamentos cuidadosamente “cingidos” com linha também branca, era passada por dentro da calça segura pela ajuda de um cinto preto preso em seu último buraco. A ação do cinto franzia-lhe o cós da calça, que enchia-se de pregas, sobretudo atrás.

O chapéu preto, que lembra os “quepes” de operários italianos nas primeiras décadas do século XX, prendia os cabelos brancos que saltavam por trás das grandes orelhas. Vez por outra, tirava o boné e com uma das mãos alisava o cabelo para trás, tentando organizar os fios espalhados pelo vento. Devidamente “lambidos”, os cabelos se ocultavam em baixo do chapéu que escondia metade da testa.

Trazia embaixo do braço uma pasta de couro preto, no tamanho de um caderno médio. Durante a entrevista, a pasta oscilava entre o seu colo e o banco ao lado. Trouxe-a consigo quase todas as vezes em que nos encontramos. Não soube até agora o que guarda lá dentro. Ainda não perguntei do que se trata, mas hoje arriscaria uma opinião sobre a pasta: penso que faz parte da indumentária que escolheu para as entrevistas. Seu Muriçoca não se veste ou carrega coisas à toa, ele reconhece os sentidos

dessas “coisas”. Pensa em cada detalhe, combina os objetos com a sua narrativa e assim vai compondo seus enunciados.

Apesar do atraso, pediu mais um tempinho e me convidou a segui-lo. Entrou e saiu por todas as salas e corredores do Teatro José de Alencar, onde trabalha como recepcionista nas noites de espetáculo. Eu ia atrás ouvindo as desculpas pelo atraso, que insistentemente me pedia. Abria a porta das saletas e falava com quem estivesse do outro lado. Conhecía, uma a uma, as autoridades do teatro.

Pediu que eu escolhesse o lugar. Sugeri que ele o fizesse, pois conhecia melhor as instalações, apenas solicitei que fosse silencioso para que a gravação ficasse razoável. Sentamos no jardim, mas não ficou satisfeito, sugeriu a platéia. Lá, acomodou-se plenamente. Posteriormente entendi que esse era, sobretudo, o lugar escolhido para mim. Reservado para os que assistem e, se possível, aplaudem. Foi ali, na platéia principal do teatro José de Alencar que seu Muriçoca concedeu todas as suas entrevistas.

Com este ritual de iniciação, seu Muriçoca, que até então era seu Cassiano, deixou claro que não era um simples funcionário. Tinha livre acesso a qualquer lugar do Teatro. Conhecía as histórias de cada canto daquele prédio suntuoso, com arquitetura *art nouveau*, inaugurado em 1911. Sabia de todas as restaurações e alterações. Enquanto procurávamos um lugar para a entrevista, ia rapidamente me contando como eram os lugares antes da última reforma que avaliava ser, em certa medida, problemática.

Não tinha dúvidas, poderíamos escolher qualquer lugar sem correr o risco de maiores incômodos. Como ele mesmo dizia, o Teatro era como se fosse sua casa. Embora tivesse insistido para que nossas conversas fossem na sua residência, ele foi incisivo em preferir o Teatro e, com a mesma persistência, pediu-me que lhe chamasse seu Muriçoca e não Cassiano, como registra o batismo.

Seu Muriçoca é um senhor de quase dois metros, pele escura, cabelos grisalhos, andar vigoroso, levemente curvado. A voz rouca, sem as perturbações clássicas da idade, se articula no vai-e-vem dos braços, que também sobem e descem de acordo com o assunto em pauta. Os dedos magros que, vez por outra, se esticam mais próximos do meu rosto para indicar o tamanho de alguma coisa dita.

Uma espessa sobranceira grisalha ergue-se sobre os olhos vivos, que resistem a catarata que começa a tomar conta do lado direito. A boca grande tem voz compassada e clara, apesar da ausência dos dentes. Narra sem grandes pausas e se diverte com a minha falta de entendimento sobre alguns termos arcaicos.

Com o uniforme sempre bem lavado e engomado, Seu Muriçoca, aos 89 anos, não falta às noites de espetáculos no Teatro José de Alencar. Recebe os bilhetes de todos e, com um franco “Boa Noite”, cativa os freqüentadores do Teatro, onde transita com intimidade conjugal.

Já nas primeiras entrevistas, era possível perceber algumas vaidades de seu Muriçoca. A maior delas era justamente a sua conexão com o Teatro. Como ele mesmo diz, foi lá que aprendeu a “ser gente de verdade” e, no mesmo período, transformou-se em Muriçoca. Era como se tivesse nascido um outro homem, não era mais seu Cassiano, o homem do roçado, da fome no sertão e na cidade, dos trabalhos subalternos, homem de vida comum. Das diversas relações com o Teatro, surgiu o seu Muriçoca, homem que conhece as figuras mais ilustres da cidade, entre artistas de fama nacional e internacional.

Além disso, o teatro deu a Muriçoca a possibilidade de transformar o “quasímodo” Cassiano num Hércules. Ou talvez, contrariando a frase euclidiana, Cassiano tenha se transformado, através das histórias de Muriçoca, num Davi, pequeno e capaz de derrotar gigantes poderosos, bem ao sabor dos contos populares.

O Teatro José de Alencar foi o primeiro lugar que pisou quando chegou a Fortaleza. No mesmo dia, realizou o sonho de ser soldado. Além disso, contemplou outro desejo, o de conhecer a capital. Veio para Fortaleza, mais precisamente para o Teatro que serviu de alojamento aos soldados que seriam transferidos para São Paulo por ocasião da Revolução Constitucionalista de 32. Em primeira página, o jornal *O Povo*, de 19 de julho de 1932, anunciava: “o alistamento nas fileiras do exército e do cargo de segurança do Estado continua a realizar-se diariamente em animadoras proporções”.

Um mês depois, o mesmo jornal bradava com entusiasmo o já alistamento de centenas de voluntários cearenses para defender a pátria contra os insurretos paulistas: “Para o novo batalhão provisório já se acham alistados 201 voluntários e existem cerca de cem por alistar nesta capital”. (*O Povo*, 27/08/1932)

José Cassiano ficou sabendo do alistamento e apressadamente empolgou-se com a novidade. Juntou-se com outros amigos e decidiu ser soldado da pátria. No mesmo dia, tentou convencer a mãe de seus desejos. Tudo estava decidido: Cassiano iria para Fortaleza e de lá seguiria para São Paulo.

Entre os “201” voluntários para combater os separatistas de São Paulo, estava José Cassiano da Silva. Aqui passou dias esperando o chamado do Segundo Batalhão de Voluntários. Animado pela guerra, Cassiano decidiu

seguir os novos defensores da Pátria. Munido de armas e fardas, habitou, pela primeira vez, o Teatro José de Alencar.

Por todo o sertão nordestino, houve uma intensa campanha arregimentando soldados para combater os constitucionalistas, em São Paulo. Milhares de jovens, entre 18 e 30 anos, eram levados aos montes para a capital e, de lá, eram deslocados até São Paulo nos navios das Forças Armadas.

Uma dessas levas trouxe seu Muriçoca para Fortaleza, para os alojamentos improvisados, que qualificou como luxuosos. Mesmo sem saber exatamente o que ia defender, veio com entusiasmo. Naquela noite, depois de uma herética refeição, seu Muriçoca encostou-se no colchão sem conseguir dormir. O peso da comida sufocava-lhe o estômago confuso. Ouviu de longe fogos de artifício. Pela manhã, o sargento reuniu todos e anunciou, com entusiasmo, o final vitorioso da tal revolução.

Seu Muriçoca não conseguiu partilhar daquela satisfação. Voltaria para casa sem ter combatido, voltaria para fome, para o desemprego sem ter conhecido São Paulo, sem pelo menos engordar o suficiente. Voltou para o Crato sem essas histórias, contudo, 70 anos depois, pode contar muitas outras, em nome de um valioso utensílio que carregou na sua mala: A FARDA.

Seu Muriçoca conta, com entusiasmo, as peripécias que conseguiu realizar com a roupa que herdou do exército. Desde então, a vestimenta passou a ter um significado especial na vida dele. Recorreu à farda em vários momentos da sua vida. Percebeu cedo que o lugar do poder passa também pela indumentária e que as coisas, como fardas e panelas, não são meros objetos, fazem parte do movimento da vida. Seu Muriçoca tinha (e tem) fardas, e a elas recorre sempre que julga necessário.

Compreendi que não era possível falar de seu Muriçoca sem descrever-lhe a roupa e a pasta. Em verdade, somente no momento em que contava as aventuras com a farda, é que olhei atentamente para os trajes e utensílios que portava. Tornara-se impossível descrever seu Muriçoca sem falar de suas roupas.

Em 1932, desempregado, ele e mais dois amigos foram para casa. Muriçoca “Voltou da guerra” para a alegria da mãe que teve o filho são e salvo. E, ao contrário da curta e farta vida de soldado que experimentou, em casa não havia nada para comer. Quando chegou, a mãe chorava de alegria,

Porque eu tinha chegado e chorando mais porque não tinha nada pra comer.

Ai ficaram olhando.

Meu pai sentado no banco a moda Jeca Tatu:

- meu filho num tem nada pra comer.

Tava só a panela de barro emborcada em riba do girau. Eu disse:
- mãe num precisa não que eu tenho dinheiro aqui. Eu passei na bodega tem muita coisa lá.
Dei cinco miréis a papai, ele foi depressa comprar arroz, feijão, comprar umas tripa de gado, de porco.”

A lembrança da fome durante a seca é arrematada pela narrativa cheia de detalhes, imagética. A panela de barro emborcada no girau é o anúncio da total ausência de comida. Nem mesmo foi preciso que sua mãe dissesse, a panela estava emborcada e seu pai sentado na posição de um Jeca Tatu. O objeto emborcado anunciava a fome, mas Seu Muriçoca estava de posse de um outro utensílio capaz de desemborcar a panela. A farda dava ao “ex-soldado” confiança de arranjar, rapidamente, um emprego.

O sentido das coisas não é anunciado somente por palavras. O corpo do pai envergonhado se compunha com o objeto de barro emborcado no girau. O pai era o mais desrespeitado com a situação. Ele era o Jeca Tatu, o franzino e fraco que se rendera às dificuldades da vida no Nordeste. A mãe chorava, mas o pai tinha o corpo enroscado tal qual a panela no girau.

A seca diminuía a culpa do pai, mas seu Muriçoca não lhe concedeu plena absolvição, pois, ao contrário, não se resignou. Lutou com o que dispunha, criou oportunidades, recriou o sentido das coisas. Naquele momento, “descobre” a roupa como mais uma aliada nas artimanhas que a vida solicita. Alistou-se para ser soldado, e, entre outras coisas, para vestir uma farda. Da primeira opção desvencilhou-se rapidamente e da farda fez companhia de longa jornada. Mas tudo começou naqueles difíceis dias de 1932.

Sem esperar pela reação do Jeca Tatu (seu pai), chegou e logo providenciou a refeição daquele dia. Sem descanso, começou a articular o enfrentamento das dificuldades vindouras. Rapidamente pediu que a mãe preparasse sua roupa. Embora não tivesse ido combater em São Paulo, entendia que, em certo sentido, continuava na guerra. A mãe sem demora preparou-lhe a farda:

Minha mãe pegou a farda que tava num saco. Passou no ferro. Eu vesti e fui pra casa dos meus amigo Zé Ferreira e Chiquim. Fumo passear na rua. O pessoal tudo admirado, nós com aquela farda bonita. Todo mundo pensava que a gente era soldado ainda. Os soldado da cidade passava pela gente, fazia continência e a gente também. Ninguém perguntava nada.

Nem mesmo seu Muriçoca sabia o tamanho prestígio daquela roupa.

Admirava-se de cada sentimento de poder que experimentava. Quando narra, recria a surpresa diante do poder que a farda lhe deu. Refaz a importância da roupa, mas, antes de tudo, gostou do que lhe aconteceu naqueles dias: “de noite nós fumo no cinema, na praça Siqueira Campos. O gerente do cinema, nós quis comprar, ele disse não, vocês pode entrar. A gente gostava de assistir aqueles filme de cawboi, nós assistimo cinema de graça. Todo mundo admirado”.

Tamanha admiração, narrada por Seu Muriçoca, partilha do sentido que ele mesmo atribui ao objeto que vestia. Tais valores ressaltados participam, sobretudo, das conexões que ele estabelece com a indumentária, mas que, em certa medida, encontravam eco naquela pequena cidade ou na cidade grande onde Seu Muriçoca vive hoje.

A roupa moldava seu corpo, imprimia-lhe novos sentidos. Configurava novas relações com o mundo. Seu novo corpo sentia-se forte, com pele nova. Seus braços e pernas aceitaram, com entusiasmo, o membro recém-chegado. A descrição feita aqui privilegia o olhar que tenta enxergar seu Muriçoca através de rabiscos que desenharam o vivido, sem desprezar os fractais do mundo sensível, onde o desafio é romper com idéias polarizadas entre sujeito e objeto, o corpo e as coisas ou, ainda, Seu Muriçoca e a farda.⁹

As memórias de Muriçoca buscam lembranças detalhadas de uma época em que ainda era Cassiano, mas que no entanto, já começava a entender os desmantelos do mundo. Entre eles, o privilégio de uns diante da miséria esrachada de outros. Seu Muriçoca fazia e faz parte do segundo grupo e cedo teve que aprender alguns “macetes” da luta pela sobrevivência, e entre esses estava o uso estratégico da indumentária.

No dia seguinte, Seu Muriçoca de novo paramentou-se. Juntamente com seus amigos Zé Ferreira e Chiquim, devidamente fardados, foi para a feira do Crato. Era diferente dos outros, embora passasse pela mesma fome, tornara-se forasteiro dentro da sua própria cidade, diante de pessoas que conhecia desde o nascimento. Difícil saber quem tinha mais prestígio, ele ou a farda? Naquele momento formavam um. Aproveitando-se da perfeita composição, os dois (farda e Muriçoca) se transformaram em ilustre e garboso rapaz. Conta que olhavam para ele com estranheza. A cidade lhe fazia continência. Para incrementar a história, seu Muriçoca relata como ludibriou um outro fardado do alto escalão, como fardas e fardas se reconhecem e se enganam.

Na feira do Crato os matuto tudo admirado. Nós tudo abotoado e engomado. Nove horas do dia chegava um trem da Paraíba, o Paraibano. Ia pra feira do Crato. A gente lá, aquele horror de gente.

O Ferreira disse:

- olha quem vem acolá, é o Tenente Alfredo Dias, comandante da companhia em Juazeiro.

- Vixe Maria, e agora? Nós tudo fardado. Com o fardamento completo.

De longe se aproximou, veio direto na nossa direção. Ficamos duro, mas fizemos a continência. Nos cumprimentou. Ficamos com medo dele perguntar qual era a missão nossa.

Agora vamos se desviar desse desgraçado. Onde ele estiver não vamos chegar nem perto. Ele veio atrapalhar nossa marcha.

A gente doido pra se amostrar na feira. A gente não era nada e queria ser mais do que os outros. Demo graças a Deus quando o trem das quatro foi embora.

Aí nós ficamos solto na feira mas já tava no final, num tinha mais nem graça.

Estavam em perfeita composição com o que vestiam: destreza, continência, honra e orgulho. Quem desconfiaria que aqueles soldados não mereciam a farda? Quem ousaria dizer que não sabiam usá-la? O tenente atrapalhou o dia. Não puderam se mostrar aos outros, aos matutos. No primeiro dia, não se preocuparam tanto em arranjar emprego, queriam ser vistos, admirados, mas o “desgraçado do tenente” desmanchou os planos de seu Muriçoca, Zé Ferreira e Chiquim. Entretanto, reafirmou a interação dos três rapazes com o traje que portavam.

Muitos indivíduos sabem que a aparência construída com a ajuda da roupa, pode mudar o rumo das coisas. Assim como Muriçoca, Seu José também vestiu-se desta estratégia para conseguir um emprego melhor. Paramentou-se com a missão de conseguir seu pagamento.

Seu José Valmir preparou sua indumentária na tentativa de criar um novo corpo que parecesse mais adulto e responsável. Assim o fez. Naquela seca de 1958, jovens e adultos eram alistados na construção de açude e estradas de rodagem. Os indivíduos abaixo de 16 anos receberiam metade do ponto. Com apenas 15 anos, seu José Valmir não se conformava em receber metade do salário pelo mesmo trabalho que faziam os outros. No lugar da calça curta e pés no chão, tratou de vestir-se como adulto. Sua mãe fez uma calça comprida, de vários retalhos que conseguiu juntar, botou sapato no filho, que se “fingia” de adulto.

Com isso, seu José afirma que conseguiu receber o ponto inteiro pois “a roupa de gente grande enganava direitinho os fiscal das obra.” O uso da roupa certa é uma das táticas de sobrevivência nos caminhos traçados por esses indivíduos. Ter boa aparência não significa exatamente estar bem vestido, com roupas caras e bem compostas. A finalidade da indumentária é o que define seu bom uso em diferentes situações. Dependendo da

circunstância, pode ser melhor vestir-se de farrapos. A roupa molda-se com o corpo e a circunstância; assim, é possível enganar patrões e ridicularizar reis vaidosos. É o que acontece no conto “A roupa do Rei”, coletado por Câmara Cascudo, na cidade de Natal, Rio Grande do Norte:

Era uma vez um rei tão vaidoso de sua pessoa que só faltava pisar por cima do povo. De uma feita procuraram-no uns homens dizendo que lhe fariam uma roupa encantada, a mais bonita e rara deste mundo...

O rei encomendou o traje, dando muito dinheiro para sua fatura...depois de muito dinheiro gasto, o rei marcou uma festa pública para ter o gosto de mostrá-la ao povo.

Os alfaiates compareceram ao palácio, vestindo o rei de ceroulas, e cobriram-no com o tal traje encantado, ricamente bordado mas invisível.

O povo esperou lá fora pela presença do rei e quando este apareceu, seguindo o cortejo, atravessando umas das ruas mais pobres da cidade, um menino gritou:

- o rei está de ceroulas!

Rebentou uma vaia estrondosa e o rei chegou ao palácio corrido de vergonha.

Corrigiu-se do seu orgulho e foi daí em diante um rei cordato e simples.¹⁰

A vaidade do Rei concentrava-se no gasto que dispensava com suas roupas e, justamente com este objeto, foi ridicularizado e desautorizado.¹¹ Tecendo fios que se encontram e se desencontram, é possível dizer que José Valmir e, sobretudo, Muriçoca utilizaram-se dos benefícios que a indumentária pode trazer. Seus trajes eram visíveis e adequados, por isso mesmo, seus usuários podiam ser vistos e aceitos.¹²

Em vários momentos da sua história de vida, Muriçoca lembra como utilizou argutamente determinada roupa. Evidentemente, não inclui no texto a última das indumentárias planejadas. Afinal, cabe a mim contar a história do “figurino” que Muriçoca escolheu para narrar suas aventuras durante estes quatro anos, desde 1999, quando tive acesso aos primeiros fatos de sua vida.

É filho mais velho de uma família de cinco irmãos. Os pais se conheceram ainda criança. Namoraram e a duras penas casaram, no ano de 1913. Seu Muriçoca veio ao mundo um ano depois, exatamente no dia 03 de setembro de 1914. “Havia soldados por todos os lados”, ressalta.

[...] quando foi em 14, no dia 03 de setembro de 1914 eu vim ao mundo. Eu nasci no dia 03 de setembro de 1914. Na época da primeira guerra mundial. Naquela época existia outra guerra em Juazeiro, a revolução do Juazeiro do Padre Cícero, do Doutor Floro. Houve aquelas questões lá no Juazeiro.

Ainda hoje, muitas vezes encontra parte das trincheiras.

Kênia - o senhor lembra o que o povo comentava dessa guerra?

- Não. Eu nasci nesse ano. Venho trazendo essa história porque meu pai me contou e eu venho colhendo outros conhecimentos.

Esta foi a primeira referência de seu Muriçoca aos acontecimentos que rodeavam o ano em que nasceu. A guerra ou, melhor, muitas guerras marcam o ano de seu nascimento, não só a dos países aliados contra os países do Eixo ou a do Juazeiro, mas também a guerra de seu pai para conseguir se casar, e muitas outras ao longo de sua vida. Seu Muriçoca entendeu precocemente que os fardados faziam parte da composição do mundo pequeno (a cidade do Crato) e do mundo Grande, através de notícias da guerra que chegavam pelas ondas radiofônicas. Na primeira oportunidade que teve de doar-se ativamente aos trajes oficiais, colocou-se à disposição. Daquele dia em diante, jamais deixou de trajar-se convenientemente.

Mesmo não tendo combatido, voltou para o Crato. Depois de assistir a cinema gratuito e enganar o tenente da cidade, era hora de procurar emprego. Na terça-feira, novamente se fardaram e foram procurar serviço. Havia um Campo de Concentração justamente naquela cidade. Os Campos eram grandes espaços cercados e vigiados, que concentraram os flagelados durante a seca de 1932.

Mesmo com a suspensão da distribuição de passagens, os retirantes continuavam a chegar a Fortaleza, vindos destas regiões. Nesses centros de aglomerações, o controle sobre o flagelado deveria se impor com maior rigor. Os Campos de Concentração foram erguidos próximo às estações ferroviárias, por esse motivo existia um no Crato. O mesmo trem que trouxe Seu Muriçoca de volta para casa, levava, diariamente, centenas de flagelados para a capital.

Com a idéia dos Campos, o Governo procurava diluir as tensões que se constituíam nos “pontos de trem” e, ao mesmo tempo, tentava evitar a migração para a capital pelas vias férreas. A localização dos Campos possibilitava um maior controle sobre a vida do retirante. Além do da cidade de seu Muriçoca (Crato), existiam mais seis Campos às margens de outras estações ferroviárias: o Campo do Patu, no município de Senador Pompeu; o Campo do município de Ipu; o campo do município de Cariús; o Campo do município de Quixeramobim e os dois Campos de Fortaleza (Tauape ou Matadouro, e Urubu ou Pirambu).

A farda deu a Muriçoca a função de cuidar para que seus conterrâneos não partissem. Não fosse pelo poder da indumentária, Muriçoca seria mais

um a rogar por espaço no trem ou, por outra, seria um dos concentrados. Na melhor das hipóteses, teria logrado a função de “guarda-concentrado”, com traje feito de saco de farinha. Mas a “roupa especial” de Muriçoca podia colocá-lo na elite dos Campos.

Seu Muriçoca desconfiou que tal lugar necessitava de homens fardados, e estava certo. Todos os Campos eram vigiados durante o dia e a noite. Na Concentração do Patu, por exemplo, “o serviço de polícia era feito por duas turmas com 36 homens, divididos em cinco postos durante o dia e seis no correr da noite”. (Jornal *O Povo*, 25/05/1932).

Se tivesse permanecido em Fortaleza, Muriçoca, quem sabe, seria também guarda dos flagelados pois, nos Campos da Capital, a vigilância era efetivada por soldados do 23ºBC. Já nos Campos espalhados pelo Sertão, onde a presença de soldados era mais difícil, alguns guardas eram os próprios flagelados. Assim, os escolhidos eram expostos como homens premiados por suas condutas, embora continuassem com roupas feitas de saco de farinha.

Contudo Muriçoca e seus amigos estavam ali para impor respeito no Campo de Concentração do Buriti, a exemplo dos Campos de Fortaleza, poderia contar com o serviço de soldados devidamente fardados. Percebeu que o emprego estava garantido:

Na Terça fomo para o Buriti (nome do Campo de Concentração do Crato). Chegamo na estação do Buriti tinha uns conhecido nosso que vei o Campo de Concentração. Era fazendeiro mas perdeu tudo e foi pro Campo. Mas teve a cobertura do comandante do Campo.

Aí nos apresentamo a ele.

- Deixe o capitão chegar.

Ele chegou no carro.

Fizemo continência e acompanhamo ele.

O Zé Soares disse:

- Seu capitão, esses rapazes chegaram e tão querendo ficar no serviço.

Ele disse imediatamente:

- nós precisamos desses homes. Você mostra o armamento a esses rapazes que eles estão aptos para o trabalho.

Os exames para testar a habilidade dos novos guardas foram dispensados. A farda se encarregava de tudo. Seu Muriçoca observa que os outros guardas não tinham os mesmos privilégios, pois as fardas eram feitas de material rústico e precário. Destaca seu Muriçoca: “Que moral poderia ter este tipo de fardamento?”

Porque no Campo já tinha um horror de guarda, mas a roupa era de saco de

farinha. Pintavam de vermelho ou azul e isso era a farda dos guarda. Nós vimos aquele horror de mocinha no chão, umas do lado das outras. Nós era só pegando o fuzil e mostrando que sabia. Sem saber fazer coisa nenhuma. A turma toda olhando parecia que era Deus do Céu que tava ali. Nós mesmo ficava admirado como o povo era besta.

O poder em face da roupa era largamente partilhado pelo grupo que admirava ou odiava a presença de quem usava farda oficial. Em entrevista que realizei no ano de 1996, seu Mauro, concentrado no Campo de Senador Pompeu, conta que os fardados abusavam do poder, confiavam na roupa e levavam a melhor: “A carne boa era só pra eles lá, os grandão. Os guarda maltratava o povo. Os guarda porque anda com aquela farda, aquele cacete, aquela arma, pensa que é uma grande autoridade e devia ser uma coisa qualquer.”

Seu Mauro põe em risco o poder que seu Muriçoca reafirmava com o uso do traje especial. Apesar da roupa, desconfiava que o guarda podia ser um deles. Por outro lado, identifica, naqueles objetos, o motivo para o uso exagerado do poder. Sabe que vem dali a confiança dos “grandões”. Atribui aos guardas uma potência que se conecta com a extensão momentânea do corpo pelo uso daquelas coisas. Despojados, voltariam a ser “uma coisa qualquer”. Voltaria a ser, por exemplo, Cassiano, rapaz pobre que deixou família passando fome, ansiosa pela chegada da comida que o filho soldado traria do Campo.

Fora da roupa, a vida de Cassiano se igualava à dos que, chegando ali, eram vestidos em saco de farinha. Todos iguais, mudavam somente as cores: para alguns, vermelho, para outros, azul e, para os mortos, saco de farinha sem cor. D. Perpétua, que também conheceu o Campo de Senador Pompeu, atribui a força milagrosa das “almas da concentração” pelo sofrimento que passaram em vida. Entre os padecimentos marcantes, destaca o uso de sacos como roupa e como mortalha: “ali tem corpo santo, muita alma milagrosa. Eu vou dizer pra você. Porque eles se interravam e as mortaia era de saco, daqueles saco de feijão. Foram enterrado em valado, como quem enterra qualquer coisa”.

Apesar do repetido uso da palavra coisa para designar o que não tem valor, os depoentes ressaltam justamente a força da presença ou ausência das “coisas” como fato para tornar alguém “uma coisa qualquer”.

Nesse texto, o objeto é a roupa. Não por acaso, os concentrados eram despojados das vestes cotidianas para vestir sacos uniformes. Isso lembra as palavras de Stallybrass, estudioso da cultura material. Diz ele: “o que

fizemos com as coisas para devotar-lhes um tal desprezo? E quem pode me permitir ter esse desprezo? Por que os prisioneiros são despojados de suas roupas a não ser para que se despojem de si mesmos?”¹³

E, apesar da desconfiança e indignação do seu Mauro em relação aos guardas do Campo, foi com a coisa roupa ou, melhor, farda, que seu Muriçoca (“uma coisa qualquer”) garantiu o sustento da família, durante a seca de 1932.

- Terminou ali. Bora para os barracões. Tinha era cinco barracões grandes cobertos de palha. Na frente tinha um giral de madeira subindo a escada e a fila. O depósito era de madeira onde tinha os balcões com aquelas farinhas, aquelas coisa.

Aí seu Ze Soares disse: olha Cassiano, você vai ser chamador.

Assumiu um cargo importante, era o chamador, ou seja, o encarregado de controlar a quantidade de ração distribuída às famílias, de acordo com o número de membros. Encarregou-se do controle da comida. Mas esse cargo exigia confiança e alguns conhecimentos, como saber ler e escrever. Conta que se viu em grandes apereios pois tinha freqüentado pouco a escola e conhecia vagamente a arte da leitura; não obstante, exercia como ninguém o dom da palavra e além do mais estava devidamente vestido. Com muito jeito conseguiu desenvolver o ofício.

Eu num sabia o que era isso. Num sabia de nada. Nunca tinha ido a escola. Fui a escola só em 1922.

- Tem nada não.

Também não disse que não ia.

Ele tirou o chamador e me botou no lugar do chamador. E os dois meninos, botaram como fiscal embaixo. Foram fiscalizar como é que tava a comida. Se era mais, se era menos, aquele negócio. Nós chegamo lá, ele apresentou a gente:

- Esse pessoal veio trabalhar com vocês, etc e tal.

Depois de garantir emprego em um posto de muita importância, seu Muriçoca recebia, além do salário, sacadas de comida que nem precisava levar para casa, pois havia encarregados só para isso. Era de espantar tamanho privilégio. O traje apropriado e a composição entre o corpo e a roupa constroem possibilidades de inserção legitimada dentro de uma sociedade que valoriza roupas. O alcance desta estima é experimentado de variadas formas.

Em meio à infinidade de ligações culturais possíveis entre os

indivíduos e as roupas, é difícil dimensionar a intensidade de todas as conexões que se tecem em redor da vestimenta. Não por acaso, Muriçoca, apesar de se compor primorosamente com sua farda, admirava-se das reações dos seus conterrâneos diante do objeto. Esses cruzamentos são constituídos historicamente, edificam-se no tempo e no espaço. Não há fixidez de valores em face dos objetos. Eles ganham significância na dinâmica dos sentidos.

Nosso astucioso “soldado” entende esse período como um marco. Julga ser o momento em que começou a perder a inocência e a entender as tramóias do mundo. Ao mesmo tempo, participava intensamente das tramas, embora de um outro lugar. Seu Muriçoca soube manipular as possibilidades que se desenrolam mediante a farda, não foi à toa que se fardou para arranjar o emprego.

Estabeleceu-se uma inversão momentânea; pela primeira vez, seu Muriçoca estava do outro lado, podia conceder favores. Neste trecho da narrativa, Seu Muriçoca evoca o princípio da perda da inocência, quando passa para outra margem, quando “começa a entender as coisas como era”.

Naquele tempo eu comeci a entender as coisas como era. Eu comeci a tomar conhecimento. Uns Zé ninguém que chegaram ali. Se num tivesse ali, a gente ia era pro Campo de Concentração também. Participar daquela mesma migalha.

Ai mandou o rapaz pegar os três sacos. Tudo coisa boa, arroz, feijão, açúcar, tudo bom e muito. Pedaco de carne grande com aquelas ossadas boa. Esse aqui é o seu Zé ferreira, Cassiano e Xavier.

A gente foi pegar os saco, ele disse:

- não! Deixa que os menino leva. Aqueles rapazes pegaram o nosso saco. Outras pessoas foram levando cada um o seu, inclusive uma senhora. Mas o nosso não. Ele chamou outras pessoas pra carregar.

A gente olhava um pro outro assim:

- Olha, nós tamo é luxando aqui.

Seu Muriçoca soube criar e gozar plenamente seus dias de potência como chamador. Burlava as instituições do Campo para aumentar a ração das famílias. Não queria ser confundido com um poder carrasco, que exercia com certa generosidade e, além disso, mais uma vez, expressa como suas astúcias driblaram os poderosos.

- Cassiano vamo subir e você vai chamar.

Eu peguei aquelas foia de papel almaço. Uma letra ruim que eu num sabia direito o que era, mas Deus me ajudou. A fila já ia lá no meio do mundo. Aquelas mulhezinha, moça, velho. Aquelas latinha de goiabada, com umas

colhezinha de alumínio, uns com prato de barro.

Eu disse:

- fulano de tal.

- Eu

Porque tinha o nome da pessoa com tantas pessoas. Com tres, com quatro, cinco. O número da família.

Era três chamador. Quando chegou a minha vez. Ainda hoje me lembro, Antoin Alves de Oliveira, era o nome que tava na lista com duas pessoas. Mas a comida era tão poco, que eu olhei por baixo do papel à moda papagaio. Quando chegou a minha vez eu dei um berro:

-ANTONIO ALVES DE OLIVEIRA.

-A mocinha táva quase no fim da fila, no mei do mundo.

Cada fila tinha um guarda e tinha em cada ponta tinha um guarda também pra ver o que era distribuido. Se botava mais pra um que pra outro.

Eu chamei:

- Antonio Alves de Oliveira, com três pessoas.

E nada da família vim. Eu novato, chamando três pessoas. A senhora desconfiou e ficou com medo de ser presa. Eu chamei de novo e disse:

- Avança! Ai a pobrezinha saiu. Quando ela chegou no pé do balcão, eu tive pena, ela chegou toda se tremendo. Mas antes dela chegar eu confirmei:

- três pessoas.

- O guarda botou, ela foi embora e eu fui chamando. Aqui, acolá eu aumentava um. O pessoal ficava assustado.

Quando foi com três dias, o guarda disse:

- seu Cassiano. Me chamou no canto.

- Seu Cassiano, é que tem um pessoalzim meu, uma prima minha e são três pessoas. O senhor podia botar uma pessoazinha a mais?

Eu disse:

- Como é o nome dela?

O Zé Ferreira confirmava o que eu dissesse, ele era o fiscal.

- Como é o nome?

- Fulana de tal.

- Vou aumentar uma pessoa, por enquanto.

- Eu agradeço muito.

Eu continuei gritando. A dele passou pra três pessoas. O Ferreira botava uns pedacim melhor. Eu olhava pra ele. Ele já sabia que era pra botar umas coisinha melhor pra essa senhora. Pra encurtar a história, quando terminou a concentração em 1933, pessoas que entraram na minha lista com cinco, três, quatro, teve gente que saiu com 15 pessoas.”

Sentia-se realmente do outro lado, não mais do que suplica um favor, mas daquele que concede benefícios em nome de relações paternalistas. Durante toda a vida, assumiu o papel de afilhado, mas, pela primeira vez, podia ser o padrinho. No caso de seu Muriçoca, não houve tempo para

troca de favores e obrigações, logo estaria na condição de súplica novamente. Suas lembranças do Campo de Concentração não eram ruins. Ao contrário, constroem uma memória satisfeita com o poder que exercitou naquele espaço. Os famintos que ali se amontoavam eram importantes na configuração do cenário medonho em que Muriçoca atuava como um dos chefes. A farda propiciava-lhe momentos jamais vividos, e ele usufruiu todas as vantagens que apareceram, inclusive a de narrá-las.

Além disso, as memórias de seu Muriçoca sobre o seu trabalho e a estrutura dos Campos de Concentração, apontam para certas normas de disciplina e controle em torno da alimentação e seus significados para os flagelados. Em nome da promessa de comida e trabalho, esses espaços eram utilizados para controlar a dispersão da miséria pelas ruas.¹⁴

A farda lançara seu Muriçoca nesse espaço de agonias. Era ali que podia exercer o poder de guarda. De variadas maneiras, foi isso que fez. De certa forma, era diferente dos outros chamadores, pois, ao contrário de humilhar os concentrados, concedia-lhes vantagens, mantendo-se nas trilhas do compadrio. Sabia que seria um concentrado, não fosse pelo objeto que herdara dos momentos que viveu como soldado. Por causa da “besteira do povo”, seu Muriçoca desfrutou momentos inesquecíveis junto ao “poder oficial”.

As astúcias de seu Muriçoca participam de uma cultura narrativa que se tece com personagens determinados. As táticas cotidianas que ele desenvolve e narra, configuram um tipo de enfrentamento dos pobres em face da soberba e exploração dos ricos. Indivíduos que contornam um perfil construído na relação entre história e literatura. Suas espertezas driblam a inteligência dos poderosos e estão sempre presentes nos contos e narrativas tradicionais do sertão. Uma instância se alimenta da outra. Ou melhor, a literatura incorpora essas táticas de sobrevivência, construindo certas caricaturas.

São indivíduos que enfrentam os poderosos com as astúcias da palavra. Com a esperteza engendrada na miséria. Entre as histórias que circulam no sertão, é comum a presença do indivíduo que, apesar de pobre, consegue enganar os poderosos com base em uma sabedoria peculiar. Nos contos e histórias recebem geralmente o nome de Cancão ou de João Grilo. Figuras que formam uma espécie de síntese dessas tantas artimanhas do cotidiano.

Michel de Certeau referenda os estudos de Vladimir Propp ressaltando que a novidade de sua abordagem estaria na análise das táticas cujo inventário e cujas combinações se encontram nos contos. Mais tarde, com outros autores, esta leitura permitiria reconhecer, nos contos, os discursos

estratégicos do povo. Continua Certeau: “uma formalidade das práticas cotidianas vem à tona nessas histórias, que invertem as relações de força e, como as histórias de milagres, garantem ao oprimido a vitória num espaço maravilhoso, utópico.”¹⁵ Na potência do ato de narrar, a conquista é um evento do momento, da enunciação criada ali mesmo, no instante da “contação”. As vitórias de seu Muriçoca acontecem no acaso da narrativa, na sedução do ouvinte.

Um dos cordéis mais lidos no Ceará conta as proezas de João Grilo. A versão mais famosa é a do poeta João Ferreira Lima. Com métrica e rima perfeitas, narra as aventuras desse personagem familiar no cotidiano do sertão. As táticas de sobrevivência recorrem, muitas vezes, a sabedoria no estilo de João Grilo. Um saber que vem da vida, que desorienta o poder, que faz “o diabo a quatro” para conseguir sobreviver. Sujeito que poderia ser muito rico, contudo, permanece pobre. Enfrenta os mais diferentes poderes, dentre os quais o da Igreja oficial, sobretudo na figura dos padres locais.

As histórias de João Grilo se formam a partir desse cotidiano de astúcias e táticas para o enfrentamento, nem sempre explícito, aos poderes instituídos. Ao mesmo tempo, reforça um tipo de atitude diante de determinadas situações conflitivas do dia-a-dia. Se estabelece uma conexão visceral entre literatura e história, ao mesmo tempo, é, em certa medida, uma negação da cultura escrita pois a grande arma do pobre vem da palavra oral, gestada na situação, agarrada no momento, como um repente. No cordel, conforma-se uma relação sinuosa entre oralidade e escritura.¹⁶ Nas histórias, contadas no dia a dia, não há uma reprodução fiel das proezas de João Grilo; é mais uma construção de estilo que guarda íntima relação com o perfil desses personagens. Ao mesmo tempo, a caracterização e adaptação dessas figuras literárias são inspiradas nas vivências de sertanejos.

É uma via de mão dupla. A vida que se produz na história e na literatura. Como ressalta Raymond Williams, a dinâmica cultural se forja nessa intensa ligação entre história e literatura:

[...] as testemunhas que citamos levantam questões de perspectiva e fatos históricos, porém também levantam questões de perspectivas e fatos literários. As coisas que elas dizem não são ditas em uma mesma modalidade de discurso. Enquanto fatos, variam de falas de peças teatrais e trechos de romances a argumentações de ensaios e anotações de diários.¹⁷

Assim como João Grilo, seu Muriçoca também ousou enfrentar o poderoso vigário da cidade que vivia humilhando os pobres. Conta seu Muriçoca que, na cidade do Crato, até o ano de 1935, ninguém jamais

casou em um Domingo pois não era o dia de missa na cidade. Entretanto seu Muriçoca resolveu que o casamento seria numa manhã de Domingo. Para isso enredou-se numa história que é melhor deixá-lo contar:

Eu fui marcar com o padre, era o vigário, Pe Assis Feitosa.

Eu queria fazer o casamento no Domingo por que o trem ia para o Crato e então dava certo no Domingo. O padre não queria porque nunca tinha acontecido casamento na matriz no Domingo, não podia e tal. Mas tinha que ser por que os familiares vinham no trem pro Crato, só no Domingo.

Fui falar com o senhor bispo, Dom Francisco de Assis Pires. Na Segunda feira eu fui falar com o seu bispo. Cheguei lá, bati palma. Uma hora da tarde. Beijei a mão dele disse o que eu queria. Conteí a história todinha. Eu queria o casamento na igreja. Podia muito bem não querer, como tem tantos por aí. Mas o padre não tinha aceitado. Expliquei que só tinha ele pra eu me valer pra fazer meu casamento.

Seu Muriçoca conhece as hierarquias, não só para respeitá-las, mas para utilizá-las em seu benefício. Se um simples vigário negara-lhe o casamento dominical, o bispo não iria deixar que uma ovelha se desgarrasse de seu rebanho por causa de um vigário. Entende o jogo de vaidades e disputas pelo poder presente nos diferentes espaços, no caso, a Igreja. Dessa forma, recorre ao escalão mais alto para desautorizar o padre. Conseguiu trazer o vigário para falar com o bispo em pleno sol do meio-dia.

Disse pro ajudante dele: vá chamar o vigário. Quando lá vem o vigário no sol quente. Quando entrou que me viu, ficou vermelho, mudou de cor igual galo campina.

Aí o bispo disse: faça o casamento. O rapaz já vem procurar a igreja e você ainda não quer fazer o casamento. Tá expulsando o rapaz? Faça o casamento no dia que ele quiser. No Domingo?

- É sim senhor.

Pois ele vai fazer o seu casamento. Beijei a mão dele, agradeci e saí. Ele saiu na frente e eu saí atrás. Eu saí rindo e pensando: olha você pensa que só tem você no mundo?

O padre teve que reconhecer o “xeque-mate” de seu Muriçoca. Nenhum acontecimento na vida de seu Muriçoca é contado impunemente. São todos envolvidos em enredos fascinantes montados com o gosto dos enfrentamentos e vitórias, ainda que rápidas, com o poder instituído. Sua potência é exercida no saber ordinário, nos interstícios da argumentação, mas vem da argúcia que nasce na luta cotidiana para sobreviver.

E assim aconteceu o casório, mas não em qualquer dia. Foi no Domingo, como queria seu Muriçoca. Na hora exata em que a maioria dos moradores ia à Igreja receber a bênção das cinco horas. Estavam todos lá, presenciando a vitória de Seu Muriçoca sobre o padre. O episódio transformou-se em um espetáculo. Todos queriam estar presentes ao primeiro casamento dominical na cidade do Crato.

Passadas mais de duas horas de entrevista, seu Muriçoca continuava com o mesmo entusiasmo, não demonstrava o menor sinal de cansaço. Tem muito prazer em contar suas histórias. Seus enredos facilitam o cumprimento da minha tarefa de ouvinte. Consegue isso seguindo um ritual que mistura palavras, gestos e olhares. Além disso, cada vez mais entendo a escolha do local para as entrevistas. Ele não só conta suas memórias, bem como as teatraliza. Constrói tramas, enredos e cenários. Transforma sua vida em um espetáculo encenado no Teatro José de Alencar. Ignora o “declínio do homem público” e não me permite penetrar nas “tirantias subjetivas da sua intimidade”. O que se conta, o que se veste e o que se mostra compõem o repertório de revelações possíveis à um homem público.¹⁸

A narrativa do nosso personagem contém, em alguns momentos, a estrutura das epopéias e dos contos populares no sertão. São episódios pitorescos, contados com o ritmo das novelas. Os enredos se constroem de modo a prender o ouvinte até o final da história. São tramas narradas na perspectiva do público, preocupadas em envolver o espectador, ancoradas na tradição oral que narra para um grupo.

Como arremata seu Muriçoca, na vida do pobre tudo é aventura. No casamento civil, também fez valer sua astúcia. Desta vez, não mais entre padre e bispo, mas entre o Juiz e o escrivão do cartório.

Sabendo das dificuldades que enfrentaria com o escrivão, recorreu, antes de tudo, ao “dono dos porcos”. Cedo foi falar com o Juiz. Com o ilustre advogado não adiantaria recorrer ao discurso da conversão aos valores da Igreja; entretanto seu Muriçoca tinha consigo uma antiga arma que já conhecia a eficiência. Levantou-se cedo para falar com o Juiz e, antes de tudo, vestiu-se com a farda. A que julgou mais apropriada para o momento foi a farda do Movimento Integralista:

Quando foi de manhã bem cedo eu me levantei. Nesse tempo eu tinha uma farda, tinha escrito Legião Cearense do Trabalho, do pessoal do sindicato. Do tempo do Severino Sombra. Os camisa verde que o presidente era o Plínio Salgado e aqui era o tenente Severino Sombra.

Fui todo fardado, a túnica era de nesga, calça azul, blusa branca. Bati palma. Eu fui com a farda da Legião. Ai, bati palma saiu a empregada: o que é que

você quer?

Ora, sete horas da manhã.

- Quero falar com o doutor Hermes.

- Essa hora da manhã?

- Sim senhora, o que é que tem?

- O doutor não tomou nem café e o senhor já quer falar com ele?

- Que é que tem? Faça o favor de dizer que é um legionário que quer falar com ele. José Cassiano da Silva. Ai, lá vem de novo:

- Ele disse que o senhor entrasse. Muito obrigada”. (...)

A empregada abriu a porta eu fiquei na sala, não mandou nem me sentar. Lá na sala, aquela casa muito grande tinha um corredor, uma fileira de quartos. Tava ele sentado naquela mesona grande. Uma mesa bem farta. Mamão, banana, queijo, doce, bolo.

De longe eu pedi desculpa a ele pelo meu atrevimento de falar com ele aquela hora. Ele disse: senta aí. Sentei acanhado. Ele mandou que a moça fosse pegar um café pra mim. Veio aquela xícara grande. Mandou eu botar leite.

- Não senhor, muito obrigada. Fui comer um pedaço de bolo. O bolo não queria nem descer aqui, por causa do sufoco. Ele acendeu o charuto, parecia aquele presidente da Inglaterra, da Segunda guerra mundial.

- Finalmente o que é que o senhor deseja, seu Cassiano? Vejo que o senhor é um legionário. Ai eu disse: doutor... Eu contei a história todinha. Todo a história.

- Ai foi ele disse: me diga uma coisa, você buliu com a moça?

- Não senhor.

- Pode dizer, não me nega.

- Não senhor.

- Pois você volta diga ao responsável por ela que hoje eu vou fazer o seu casamento com. Como é o nome da moça?

- Chama-se lindô.

Dessa vez, a farda de legionário conseguiu estabelecer as conexões desejadas por seu Muriçoca, que não só participa de todos esses valores da tradição, expressos também na indumentária, como também os manipula em seu benefício. Articula uma rede de relações em que ressalta astúcias enredadas nessas tradições. Entretanto, como sugere Thompson em seus estudos sobre a classe operária inglesa no século XVIII, “las normas que así se defienden no son idénticas a las proclamadas por la Iglesia o las autoridades; son definidas en el interior de la cultura plebeya misma”.¹⁹ A observação de Thompson é, deste modo, fundamental, pois embora seu Muriçoca participe desses valores e os manipule, jamais será da mesma forma que o poder institucional. Ele parte de outro lugar social. Suas ligações com tais valores partem da experiência do ser pobre, que gesta outras maneiras de vivenciar as engrenagens da tradição.

NOTAS

- ¹ BENJAMIM, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras Escolhidas*. Vol. 1. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, s/d.
- ² THOMSON, Alistair. Ao cinqüenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: Ferreira, Marieta de Moraes, et alli. (orgs.) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: editora Fio Cruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- ³ DELEUZE, Gilles. *Mil Platôs*. V.1. São Paulo: editora 34, s.d.
- ⁴ Zumthor infere a importância da idéia de performance nos estudos sobre a oralidade, pois a vocalidade extrapola o dito, tem a marca do corpo, dos gestos, da forma como a narrativa se materializa. Desse modo, é preciso ao afirmar que a “Performance implica competência. Além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um saber-ser no tempo e no espaço. O que quer que, por meios linguísticos, o texto dito ou cantado evoque, a performance lhe impõe um referente global que é da ordem do corpo.” Cf. ZUMTHOR, Paul. *Introdução à Poesia Oral*. São Paulo: Hucitec/Educ, 1997, p.157.
- ⁵ DUCROT, Oswald. *O dizível/indizível*. In: Enciclopédia Einaud, v. 2, linguagem-enunciação, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- ⁶ CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- ⁷ Voltamos a idéia de Paul Zumthor sobre a performance na tentativa de explicar ainda melhor esse conceito fundamental no estudo da tradição oral. Em um outro texto, Zumthor explica que “quando a comunicação e a recepção coincidem no tempo, temos uma situação de performance”. ZUMTHOR, Paul. *A letra e a Voz*. São Paulo: Cia das Letras, 1993, p. 19.
- ⁸ GADAMER, Hans Georg. *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 416.
- ⁹ PAVIANI, Jayme. *Formas do Dizer. Questões de método, conhecimento e linguagem*. Porto Alegre: EDPUCRS, 1998.
- ¹⁰ CASCUDO, Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. 8ª edição. São Paulo: Editora Global, 2000.
- ¹¹ Vale conectar esse conto de origem oriental, com o que Stallybrass chama de “sociedade de roupas”, ou seja, “uma sociedade na qual os valores e também a troca assumem a forma de roupas. Lembra o exemplo dos incas que “quando incorporavam novas áreas a seu reino, concedia-se aos novos cidadãos roupas para vestir, as quais, entre eles, eram altamente valorizadas. Mas esse presente não era, naturalmente, desinteressado. Esse presente têxtil era, como diz Jonh Murra, “uma reiteração coerciva e, contudo, simbólica, das obrigações dos camponeses para com o Estado, bem como de seu novo status. Em troca desse suposto presente, os camponeses eram obrigados, por lei, a tecer roupas para a coroa e para as necessidades da Igreja.” Esse conto poderia ter surgido em sinal de transgressão a uma obrigação nesses moldes, e, em lugar de vestir o rei, despi-lo. STALLYBRASS, Peter. *O Casaco de Marx: roupa, memória, dor*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.17.
- ¹² Continuando o texto sobre o casaco de Marx, afirma o autor: “o salão de leitura não aceitava simplesmente qualquer um que chegasse da rua: e um homem sem um casaco, mesmo que tivesse um passe de entrada, era simplesmente qualquer um. Sem seu casaco Marx não estava, em uma expressão cuja força é difícil de reproduzir, “vestido em condições

em que pudesse ser visto”. STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: memória, roupa e dor*. Op. cit., p.65.

¹³ Idem, *Ibidem.*, p.108.

¹⁴ Como argumenta Régis Lopes, em seu estudo sobre o Caldeirão, no qual existe um capítulo sobre a seca de 1932, os Campos podem ser entendidos como uma estratégia de controle urbano: “Os Campos de Concentração tinham (além de um caráter assistencialista) um forte sentido de controle dos flagelados. Eram uma forma de prender o sertanejo para ele não invadir as cidades (...). Temos, então, pelo menos três aspectos de controle social que o Curral do Buriti apresenta: o cercado que servia de prisão, o trabalho nas estradas (...) e o fato de o campo ajuntar gente, a fim de não haver invasão das cidades pelos famintos. Nesse sentido, vale acrescentar que o Campo de Concentração do Buriti era razoavelmente vigiado por policiais armados. (...) Dessa maneira, as elites iam controlando os flagelados da seca de 1932”. LOPES, Régis. *Caldeirão: um estudo histórico sobre o Beato José Lourenço e suas comunidades*. Fortaleza: EDUECE, 1991, p. 79-80. Sobre os Campos de Concentração ver, também: NEVES, Frederico de Castro. *Curral dos Bárbaros: Os Campos de Concentração no Ceará (1915 e 1932)*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: Contexto, n. 29, v.15, 1995; RIOS, Kênia Sousa. *Campos de Concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932*. Fortaleza: Museu do Ceará / Secult, 2001.

¹⁵ CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano. Artes de fazer*. 4ª edição. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p.154.

¹⁶ Sobre a discussão “oral/escrito” ver também: BAKTHIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992; HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer, querer dizer*. São Paulo: Hucitec, 1992; PORTELLI, Alessandro. O que faz a história Oral diferente? *Projeto História*. São Paulo: n.14, 1997; PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os Fatos. *Revista Tempo*. Niterói: n.2, 1996; WILLIAMS, Raimond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar editora, 1979; GOOD, Jack. *L’homme, l’écriture et la mort*. Paris: les Belles Lettres, 1996; KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1969.

¹⁷ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade. Na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹⁸ SENNET, Richard. *O declínio do homem público. As tiranias da intimidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

¹⁹ THOMPSON, E. P. *Tradicón, Revuelta e Consciencia de clase*. Barcelona: Editorial Crítica, 1979, p.44.